

O SUJEITO NA TOXICOMANIA*

Véra Motta

Em 1930, Freud, conhecido de todos nós, publica *O mal-estar na civilização*, artigo que procura dar conta do antagonismo, irremediável, entre as exigências do instinto no humano e as restrições da civilização. Em outras palavras, o que Freud vem analisar neste grandioso artigo são as formas paliativas que o homem de sua época tinha à sua disposição para suportar os sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis que a vida lhe reservava.

Entre as medidas paliativas, Freud destacou as satisfações substitutivas, como as oferecidas pela arte, e as substâncias tóxicas, que influenciam o corpo e alteram sua química. A intoxicação é, para ele, o método mais grosseiro e, contudo, um dos mais eficazes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça. Felicidade, sim, pois que, para Freud, se se perguntar aos homens o que querem da vida, sua resposta mal pode provocar dúvidas: “Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer” (p.94).

O que decide o propósito da vida é, neste sentido, o programa do princípio do prazer, que se encontra em funcionamento desde o início da vida psíquica. Entretanto, pontua Freud, embora sendo um princípio eficaz, seu programa se encontra em desacordo com o mundo, macro e microcósmicamente falando. Ou seja, não há a menor chance de ele vir a ser executado, pois todas as normas do universo lhe são contrárias.

Freud não está sozinho nesta posição, a de considerar que a felicidade, no sentido mais restrito, provém da satisfação de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Esta posição também encontra contestadores, e um deles veio recentemente ao Brasil e à Bahia; é um professor universitário e pensador, o Prof. Michel Maffesoli, que tive oportunidade de ver aqui na Bahia há cerca de três anos, na Faculdade de Comunicação. Maffesoli apelida a posição freudiana, que é a da psicanálise, de ‘infâmia da existência’, e propõe-se a combater e subverter tal posição, compartilhada, segundo ele, pelo marxismo.

Por infâmia, o autor especifica tudo aquilo que não pode entrar sob o manto dos conceitos, argumentando que essa infâmia faz colocar a vida em segundo plano, em relação aos conceitos. Sua proposição, neste sentido, é ultrapassar o abismo entre corpo e espírito, entre cultura e natureza, adotando a máxima de Edgar Morin : “selvagizar a vida” (p. 8 de A TARDE de 08/03/95).

Ora, não pretendemos aqui instalar a polêmica entre posições tão heteróclitas, seja no mundo moderno, seja no mundo antigo. Entre os antigos, citamos Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), cujo tratado intitulado *Ética a Nicômaco* oferece, sem dúvida, a ocasião de examinarmos, por trás dos ensinamentos que o filósofo queria transmitir a Alexandre Magno, da Macedônia, idéias que ainda hoje persistem no espírito humano, idéias da pós-modernidade. A felicidade é considerada por Aristóteles a mais desejável de todas as coisas (p.55), sem contá-la, contudo, como um bem entre outros. Para se obtê-la, o autor propõe a temperança, como elemento que nortearia a vida dos homens, entretido no jogo das paixões desde a mais tenra infância (p.70).

A temperança deve, no entender de Aristóteles, ser relacionada com os prazeres corporais. Para ele, o excesso em relação aos prazeres é intemperança (p.96 e s.), e é, em razão disso, culpável. O homem intemperante é assim chamado porque sofre mais do que deve, quando não obtém as coisas que lhe apeteçam, sendo, pois, a sua própria dor um efeito do prazer. Parecia absurdo a Aristóteles que alguém pudesse sofrer por causa do prazer, e é neste sentido que Freud irá se interrogar no artigo de 1930 e em outros que escreveu. Prazer de mais, prazer de menos, tudo isso aponta para o excesso, para a falta, ou, para nos aproximarmos do nosso objeto, da intoxicação, por um lado, e da abstinência, por outro.

Se o que guia Aristóteles é o princípio racional, que deve harmonizar-se com os demais elementos constitutivos do humano, em Freud a análise deixa de lado as disposições de caráter e persegue outra perspectiva, mais moderna, da angústia do homem no mundo, e suas fontes de infelicidade: o corpo, condenado à decadência e à dissolução; o mundo externo e os relacionamentos com os outros.

O que Freud destaca, neste artigo, é o papel extremamente importante que têm os veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça, na vida dos indivíduos e

dos povos, recebendo um lugar permanente na economia de sua libido. Os trabalhos de caráter sócio-antropológico cuidam de verificar, nas sociedades antigas e modernas, as representações que a "droga" ocupa, no imaginário social. Religiões, festivais, encontros, promovem a droga e são por ela, em certa medida, promovidos.

Graças aos veículos intoxicantes, para Freud, é que há uma produção imediata de prazer, mas também um alto grau de independência do mundo externo, uma das fontes de infelicitação do homem moderno, a seu ver. Desse modo, aliviado com o recurso ao "amortecedor de preocupações", o homem moderno se vê provisoriamente afastado das pressões da realidade, encontrando refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade, ponto onde, muito justamente, reside o perigo dos tóxicos e sua capacidade de causar danos.

A intoxicação, como qualquer dos muitos e diferentes caminhos que o homem moderno toma, na direção do programa de tornar-se feliz, não nos leva, contudo, ao que desejamos. A felicidade, para Freud, constitui um problema da economia da libido do indivíduo, ou seja: não há regra de ouro que se aplique a todos; todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo (p.103).

Jacques Lacan, um não menos célebre psicanalista, em seu Seminário de 1959 sobre a Ética da Psicanálise (Seminário VII), retoma os ensinamentos aristotélicos, para afirmar de sua modernidade, lembrando que a busca de uma via, de uma verdade, não está ausente da experiência analítica. Para lembrar Freud, o autor aponta que a verdade de que se trata é uma verdade libertadora, que pode ser localizada num ponto específico do sujeito da experiência psicanalítica. É uma verdade particular. Essa verdade, sempre nova, apresenta-se para cada um, em sua especificidade íntima, com um caráter de desejo imperioso.

Esse desejo, nós o encontramos, em seu caráter particular irreduzível, como uma modificação que não supõe outra normatização senão a de uma experiência de prazer ou de penar, a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irreduzível. Embora se encontre em cada um dos seres humanos, o desejo não tem o caráter de uma lei universal, mas, pelo contrário, da lei mais particular. Mas tudo isso se apresenta, de certa forma, ao sujeito, velado, cabendo à experiência psicanalítica desvelar.

Essa revelação, que se constitui numa verdadeira ascese, é esse o caminho que a psicanálise propõe ao toxicômano, no mundo moderno. Mergulhado nos ditos que o identificam, não sob a modalidade do desejo, mas sob a rubrica do uso comum – ‘sou alcoólatra’, ‘sou viciado’, ‘sou drogado’ – o toxicômano submerge, anulando quaisquer possibilidades de subjetivação. Entrar na experiência psicanalítica é o recurso que se oferece para resgatar a subjetividade perdida, reencontrando a verdade do pensamento de desejo.

Para finalizar, sem pretender concluir, deixo-os à mercê de uma experiência vista por Freud como uma técnica, das mais elaboradas, de que o homem dispõe para afastar o sofrimento: trata-se da fruição produzida pela via da criação, e, no exemplo que trago, da criação poética. Um tóxico, ou um veículo intoxicante que elimina o desprazer, é aqui erigido a estatuto de nobreza, pelas abundantes e conhecidas propriedades que tem e pelos efeitos de alívio que causa no seu usuário. Esse tóxico, que enche as nossas prateleiras, sem que nos tomemos por toxicômanos, tem aqui seu reconhecimento numa ode de João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*.

NUM MONUMENTO À ASPIRINA

Claramente: o mais prático dos sóis,
o sol de um comprimido de aspirina:
de emprêgo fácil, portátil e barato,
compacto de sol na lápide sucinta.
Principalmente porque, sol artificial,
que nada limita a funcionar de dia,
que a noite não expulsa, cada noite,
sol isento das leis da meteorologia,
a tôda hora em que se necessita dêle
levanta e vem (sempre num claro dia):
acende, para secar a aniagem da alma,
quará-la, em linhos de um meio-dia.

Convergem: a aparência e os efeitos
da lente do comprimido de aspirina:
o acabamento esmerado dêsse cristal,
polido a esmeril e repolido a lima,
prefigura o clima onde êle faz viver

e o cartesiano de tudo nesse
clima. De outro lado, porque
lente interna, de uso interno, por
detrás da retina, não serve
exclusivamente para o olho a
lente, ou o comprimido de
aspirina: ela reenfoca, para o
corpo inteiro,
o borroso de ao redor, e o reafina.

* Texto apresentado em aula do Projeto SESI, no CENTRO DE ESTUDOS E TERAPIA DO ABUSO DE DROGAS – CETAD/UFBA, em 13/03/1995.